

UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE *BABBITT*, DE SINCLAIR LEWIS:

UM DIÁLOGO ENTRE PSICOLOGIA E LITERATURA

A PHENOMENOLOGICAL LOOK AT *BABBITT* BY SINCLAIR LEWIS: A

DIALOGUE BETWEEN PSYCHOLOGY AND LITERATURE

Diego Paulino Galhardo *

Herlon Alves Bezerra **

Resumo: A proposta deste artigo é fazer uma correlação entre o pensamento dialógico de Buber e Fonseca e o romance *Babbitt*, de Sinclair Lewis. Uma correlação entre Psicologia (de base Fenomenológica-Existencial, a qual tem seu lugar no vivido, no imediato e no pré-reflexivo, com aproximações da Gestalt-Terapia) e Literatura (mostrando a importância desta para a formação do psicólogo). Nesta correlação, usei de minha des-leitura, que é a maneira própria e singular que cada pessoa usa para interpretar uma mensagem. Um estudo do Dialógico, saindo de seu discurso científico e filosófico, para expressá-lo numa outra forma de linguagem, através da arte, da Literatura, pelo romance *Babbitt* e pela minha des-leitura.

Palavras-chave: dialógico; *Babbitt*; psicologia; literatura.

Abstract: The proposal of this article is to make a correlation between Buber and Fonseca dialogic thought and the novel *Babbitt*, by Sinclair Lewis. A correlation between Psychology (of Phenomenological Existential base, which has his place in the experienced, in the immediate, and in the pre-reflexiveness, approaching the Gestalt-Therapy) and Literature (showing its importance for the psychologist education). In this correlation, I used of my *de-reading*, that is the singular and proper way that each person uses for interpreting a message. A study of the Dialogic, leaving its philosophical and scientific talk, to express it in an another form of language, through the art, the Literature, the novel *Babbitt* and my own *de-reading*.

Keywords: dialogic; *Babbitt*; psychology; literature.

Introdução

A proposta deste artigo é fazer uma correlação entre o pensamento dialógico de Buber e o romance *Babbitt*, de Sinclair Lewis. Correlação que sinaliza outra possível e necessária, entre a Psicologia, particularmente a de base Fenomenológico-Existencial, como a Gestalt

* Especialista em Saúde Pública, psicólogo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IF-TO), *campus* Porto Nacional. E-mail: diegogalhardo@hotmail.com

** Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, professor de Psicologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, *campus* de Petrolina – PE. E-mail: herlonbezerra@yahoo.com.br

Terapia, e a Literatura, “pois falta ao psicólogo aproximar-se da literatura para intuir o homem” (FREIRE, 2001, p.17).

A Psicologia Fenomenológica Existencial tem seu lugar no vivido, no imediato, no pré-reflexivo, por partir do princípio que o viver e o pensar dificilmente acontecem ao mesmo tempo, isto é, esta tendência epistemológica da Psicologia centra-se na vivência do vivido e não na reflexão sobre ele. Isto cria uma situação argumentativa, no mínimo, curiosa: quando precisa expressar-se em linguagem pedagógica e racionalmente transmissível, acaba por deixar de lado tal princípio, passando a significar-se a partir de uma linguagem científico-filosófica, que não consegue expressar, em toda sua magnitude existencial, seus princípios. Nesse sentido, a arte de um modo geral, e a Literatura neste caso específico, apresenta-se linguagem que, não-teorizante, pode servir muito adequadamente como veículo a uma transmissão mais plena dos sentidos que tal forma de Psicologia pretende apresentar: o modo como cada pessoa recebe a “mensagem” trazida pela linguagem da arte, seu sentido e interpretação, acontece de uma forma muito peculiar e singular para cada pessoa em particular.

Nesse sentido, qual seria a importância da literatura na formação do psicólogo? “Sua importância se dá na compreensão da relação da literatura com o conhecimento psicológico, não no sentido de uma psicologia do texto ou do autor, ou mesmo da criação literária, **mas da contribuição do texto literário para a formação de profissionais do humano e do cuidado com o humano**” (FREIRE, 2007, p.3) (grifo nosso). Não numa leitura teorizante por parte do psicólogo sobre o texto lido, mas na forma de como esse texto chega existencialmente ao psicólogo, de como interpreta vivencialmente tal mensagem e que impressões ele lhe causa.

A este movimento de recepção pessoal da mensagem trazida pelo texto literário chamamos de desleitura, que é a marca própria que acabamos por sempre deixar no texto lido: “um leitor, quando entende um poema, está de fato entendendo a sua própria leitura deste poema” (BLOOM, 1991, p. 117). Em verdade, todo movimento de significação realizado pelos homens é sempre uma desleitura (BEZERRA, 2002): “toda leitura é uma des-escrita e toda escrita é uma des-leitura” (BLOOM, 1991, p. 74). É como se o texto tivesse essa obrigação de nos causar impressões para que lhe demos nossa resposta, “afinal todo texto é inacabado e toda a crítica possível são seus suplementos” (FREIRE, 2001, p.18) – “nossa sabedoria começa onde a do autor termina” (PROUST, 1991, p. 30). Nesse sentido, desde o princípio hermenêutico heideggeriano (FREIRE, 2000), pode se afirmar mesmo que, para que haja uma real apropriação do texto pelo leitor, é necessária a constituição de um campo intersubjetivo, onde o sujeito leitor se torna sujeito autor.

Em termos metodológicos, pois, parte-se aqui da consciência de que o pensamento dialógico de Buber e Fonseca não se encontra, de um modo conceitual e teórico, em Babbitt. Será através de minha desleitura que forçarei a este texto a expressão, de forma não-teorizante, dos princípios subjacentes à Psicologia de base Fenomenológico-Existencial: Babbitt, personagem fictício, compreende, tanto quanto qualquer outro humano, que existe, ao seu redor, uma maneira “robótica” e vazia de viver o mundo, uma forma mecanizada de vida.

1. Martin Buber e o Dialógico

Martin Buber (1878-1965) nasceu em Viena, Áustria. Com o divórcio dos pais, passou sua infância com os avós em Lemberg, na Galícia, onde foi educado na tradição judaica hassídica. Na sua juventude, retornou para Viena, para morar com o pai, respirando uma atmosfera de intensa vida social e cultural. Aos 26 anos de idade, mudou-se para Berlim, na Alemanha, entrando em contato com uma comunidade símbolo para a jovem geração, na qual se expressavam livremente e cujo lema era viver mais profundamente a humanidade do homem. Membro ativo na comunidade universitária, foi professor na Universidade de Frankfurt de História das Religiões e Ética Judaica (cadeira única em toda a Alemanha) aos 45 anos e, aos 60 anos, aceitou o convite da Universidade Hebraica de Jerusalém para ensinar Sociologia. Morreu em Jerusalém aos 87 anos de idade.

Buber foi um dos pensadores que mais se empenhou em estudar e escrever filosoficamente sobre o mistério humano da relação e do diálogo, ao qual o mesmo se aproximou especulativamente, em sua obra central, *Eu e Tu* (1923) através das palavras-princípio *Eu-Isso* e *Eu-Tu*.

O *Eu-Isso* é um modo de existir do homem no mundo no qual se considera o outro como objeto, sujeito de experiência e de utilização. Em tal modo de existir, toma-se uma atitude objetivante frente ao mundo, que se apresenta como passivo de apreensão e delimitação. Esse é um modo de vida típico do antropocêntrico homem moderno, experimentador que não participa do mundo porque toda possível experiência se realiza já “nele” e não **entre** ele o mundo. Daí seu egotismo, que em vez de deixar agir sobre si o fenômeno, objetaliza e racionaliza sobre o fenômeno, distanciando-se dele (BUBER, 2006). Pela palavra-princípio *Eu-Isso*, o homem se submete ao poder do mundo e da vida coisificados (FONSECA, 1997), ou seja, à mecanização, robotização, delimitação, mensuração, classificação... pois somente o *Isso* pode ser classificado e mensurado.

No entanto, contra isso, o homem possui uma natural abertura para uma relação não-objetivante com o mundo, para o dialógico, para, enfim, a potencialização da criatividade existencial, que transcende o determinado, o decurso inalterável das coisas, a coisificação e a coisidade, através da criação e re-criação de si e do mundo e de seu poder de ordenamento criativo das coisas (FONSECA, 1997). A este modo de existir Buber nomeia pela palavra-princípio Eu-Tu, ato essencial do homem, atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua. O Eu-Tu acontece na relação, na qual seres se encontram no acolhimento incondicional do outro em sua alteridade, é reciprocidade, escolher e ser escolhido, amar e ser amado. O Tu pode ser qualquer coisa que esteja presente no face-a-face: homem, animal, Deus, obra de arte, pedra, flor, peça musical (BUBER, 2006). Suas principais características são: “imediatez, reciprocidade, presença, totalidade, incoerência no espaço e no tempo, fugacidade e inobjetivação” (BUBER, 2006, p. 41).

As palavras-princípio nomeiam atitudes do homem frente ao mundo, sendo este duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude. As atitudes do homem se traduzem pela palavra-princípio Eu-Tu e pela palavra-princípio Eu-Isso: são dois os princípios da existência humana, o dialógico e o monológico. Não que exista dois Eu's, mas sim que há a existência de uma dupla possibilidade de existir como homem (BUBER, 2006). Há dois tipos de existência humana, uma a partir do ser e outra a partir do parecer. A existência a partir do ser “é determinada pelo que se “é” e não é influenciada por pensamento sobre a imagem que deve ou pretende despertar no outro. Na existência a partir do parecer, no entanto, o que importa é a imagem que sua aparência produz no outro (BUBER, 1982, p. 141).

A vida mortal do homem é uma oscilação entre o Tu e o Isso, o Isso é a crisálida, o Tu a borboleta, não são estados que se alternam nitidamente, mas, processos que se entrelaçam confusamente, numa dualidade: “homem algum é puramente pessoa, e nenhum é puramente egótico; nenhum é inteiramente atual e nenhum totalmente carente de atualidade” (BUBER, 2006, p. 94). Toda relação atual no mundo realiza-se numa permuta de atualidade e latência, na verdadeira relação, a latência é a pausa da atualidade onde o Tu permanece presente.

Nossa natureza nos obriga a inserir o Tu no mundo e na linguagem do Isso (BUBER, 2006). A afirmação de Buber de que “a grande melancolia de nosso destino é que cada Tu em nosso mundo deve tornar-se irremediavelmente um Isso” (BUBER, 2006, p. 63) parece mostrar um discurso pessimista, mas isso não é verdade, “a afirmação da primazia do diálogo no qual o sentido mais profundo da existência humana é revelado não nos deve levar à conclusão de que a atitude Eu-Isso seja algo de negativo, inferior ou um mal” (BUBER, 2006, p. 37), o Isso não tem nada de mal em si porque a matéria não tem nada de mal em si mesma

(BUBER, 2006), o Isso também nos é necessário, porque é o Isso que permite o desenvolvimento da cultura, do conhecimento, da língua, dos usos, da arte e do ordenamento científico das coisas (FONSECA, 1997).

2. Sinclair Lewis e sua época

Sinclair Lewis, ao escrever *Babbitt*, tencionava denunciar o modo de vida norte-americano das cidades interioranas da década de 1920, a “Era do Jazz”: época em que pairava no ar um sentimento de alívio pelo fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918); pelo regresso dos soldados aos seus lares; pela “lei seca”, que proibia a fabricação, transporte e comercialização de qualquer bebida alcoólica em todo o território norte-americano (contra isso surgiu, pelos jovens, o *speakeasy*, bar secreto escondido no subsolo, como símbolo de desafio à sociedade); o *racketeer* (associação de certa classe comercial onde, o profissional que não pagasse a “comissão de educação” teria o aviso prévio, ou seja, o estabelecimento invadido e destruído); pela produção em série e pelo surgimento de todos os padrões de uniformização que propiciaram a emergência de comportamentos estandardizados e estereotipados ao nível individual, nos quais os Estados Unidos da América descobriram a fórmula exata para o sucesso (capitalista) numa classe média produtiva e materialista, ostentadora e superficial (LOPES, 2003).

Para tal, Lewis realiza um verdadeiro trabalho de laboratório quando, para escrever seu romance, vive algum tempo em Cincinnati, Ohio, onde observa o comportamento dos habitantes, suas expressões mais comuns e sua gíria (Vida e Obra, 2002).

Lewis foi um descendente da linha de escritores como Emerson, Whitman, Cooper, Thoreau e Twain e, como eles, revoltou-se contra os efeitos insidiosos da cultura de massas e contra a estandardização do comportamento humano. Em *Babbitt*, Lewis descreve, com muito bom humor, ironia e muita sátira, o modo de vida um tanto mecanizado dos habitantes da cidade de Zenith (cidade fictícia do romance), o mundo dos “cansados homens de negócios” do início da década de 1920.

Com tanta sátira em *Babbitt*, Lewis começou a ser considerado um deformador dos costumes americanos (Vida e Obra, 2002) ou, simplesmente, um deformador dos bons costumes, rótulo quase inevitável a todo e qualquer escritor, poeta, artista, filósofo ou profeta que se proponha a questionar ou negar o modo de viver e pensar em voga numa sociedade. Tal como Sócrates, o mosquito que sempre incomodava (GAARDER, 2000).

2.1. Zenith e sua sociedade, o palco de Babbitt

A cidade de Zenith, com suas magníficas construções, austeras torres de aço, que não eram igrejas, mas edifícios para escritórios, uma cidade construída, na aparência, para gigantes (LEWIS, 2002, p. 07), o mais belo exemplo de vida e prosperidade americana que se possa encontrar (LEWIS, 2002, p. 181), este é o palco de Babbitt.

George F. Babbitt, 46 anos, pai de três filhos, Verona, Ted e Tinka, é o próspero homem de negócios moderno, muito chefe de família e tão pouco romântico, que dá ordens a empregados, apronta-se para ir ao seu escritório, “uma capela de aço onde o riso e a ociosidade seriam pecados mortais” (LEWIS, 2002, p. 40), revestindo-se do seu uniforme de Cidadão Sérioso, usava o distintivo do Clube dos *Boosters*, o que lhe dava “um sentimento de lealdade, de importância. Incorporava-o ao grêmio dos Bons Rapazes, entre homens corretos, de boa companhia, e importantes nas rodas comerciais” (LEWIS, 2002, p. 17), defendia, sem a praticar, a proibição do álcool, aprovava, sem lhes obedecer, as leis contra excessos de velocidade e afirmava que um dos motivos de orgulho para Zenith é que paga bem aos professores, ainda que não soubesse de quanto era o salário. Babbitt fazia eco ao cidadão americano de classe média, declarava que os radicais deveriam ser silenciados, a imigração restringida e os negros mantidos nos seus lugares (LOPES, 2003). Essa visão preconceituosa sobre o negro nos é dita claramente numa viagem de trem, entre os homens de negócios:

É um fato. Estão ficando de tal modo que já não têm o menor respeito pela gente. O crioulo de antigamente era um bom sujeito... sabia ficar no seu lugar... mas estes pretos de agora não querem mais carregar bagagens nem colher algodão. Não senhor! Não de ser advogados, professores e sei lá o que mais! Garanto-lhes que isto está-se tornando um problema sério. Nós devíamos unir-nos para mostrar o seu lugar ao negro e ao amarelo também. Eu sou um sujeito sem o menor preconceito de raça. Sou o primeiro a aplaudir quando um preto faz carreira... desde que fique onde deve ficar e não tente usurpar a legítima autoridade e a capacidade comercial do homem branco (LEWIS, 2002, p 147).

George é casado com Myra, “mulher digna, bondosa, diligente; mas ninguém, exceto talvez Tinka tomava o menor interesse por ela. Não chegavam, mesmo, a dar fé da sua existência como ser dotado de vida própria” (LEWIS, 2002, p 15.), com uma virtude de “tratar das ocupações domésticas e não importunar os homens com reflexões de qualquer espécie” (LEWIS, 2002, p. 89).

O melhor amigo de Babbitt é Paul Riesling, o colega de quarto na faculdade. Excluindo a si mesmo e a Tinka, Paul era a pessoa que Babbitt mais admirava no mundo. Quando se encontravam, Babbitt era o irmão mais velho de Riesling, pronto a defendê-lo, admirando-o com uma afeição ufana e confiante, um amor como não teria sentido por uma mulher (LEWIS, 2002, p. 64).

2.2. Babbitt e o Eu-Isso

Essa standardização e estereotipização do comportamento humano, tal como descrito em Babbitt, considero eu, um modo de vida Eu-Isso, um relacionar-se com o outro como objeto, um viver no mundo e com os homens como coisas, viver e relacionar-se coisificados, passivos de ordenação no qual, em vez de se viver a relação, racionaliza-se sobre ela, objetalizando-a.

Viver humano mecanizado, carente de sentido, no nosso caso, em Zenith, quando, por exemplo, Babbitt dá um beijo de boa noite em Myra, beijo que, no entanto, “não foi bem um beijo: pousou os lábios inertes numa face indiferente” (LEWIS, 2002, p. 30). Ou quando Babbitt chega em casa “perguntando pela mulher, se bem que não tivesse grande desejo de saber onde ela estava” (LEWIS, 2002, p. 78) ... rótulos, etiqueta, lábios inertes numa face indiferente, a busca de se estar em conformidade com as convenções sociais, como no banquete de confraternização de Babbitt com a sua turma da universidade:

Procuravam mostrar-se íntimos e entusiastas. Viam-se uns aos outros exatamente como eram na universidade: viçosos rapazes cujos atuais bigodes, calvas, panças e rugas eram simples disfarces joviais adotados para a ocasião. “Você não mudou nem um pouquinho!”, diziam maravilhados. E, aos de que não se lembravam, dirigiam-se com estas palavras: “Sim, senhor, é um alegrão tornar a ver-te, meu velho. Que é que estás... ainda fazes a mesma coisa?” (LEWIS, 2002, p. 190).

É de fato uma submissão à etiqueta e modos de viver e pensar, melhor trecho no livro não há para exemplificá-lo:

Assim como era um alce, um *booster*, um membro da Junta Comercial, do mesmo modo que os ministros da Igreja Presbiteriana **determinavam todas as suas crenças religiosas** e os senadores que dirigiam o Partido Republicano resolviam, nos cubículos enfumaçados de Washington, **o que ele deveria pensar** sobre o desarmamento, as tarifas aduaneiras e a Alemanha, também eram **as grandes empresas de publicidade nacionais que regulavam toda a sua vida exterior**,

aquilo que ele julgava ser a sua individualidade (LEWIS, 2002, p. 99), (grifo nosso).

George vai para o trabalho logo cedo, trata de suas vendas imobiliárias, vai ao clube se encontrar com os Bons Rapazes, convida para jantar os seus amigos acompanhados de suas esposas que se parecem iguais e dizem: “Mas que beleza!” no mesmo tom animado.

3. O começar a despertar

Ao decorrer da história, Babbitt vai conseguindo o que vai buscando, é convidado a discursar no congresso anual dos corretores imobiliários, ganha mais fama nos jornais, é inspirado cada vez mais pela descoberta dos seus dons oratórios, um orador de sucesso. Teve até o discurso publicado na íntegra no *Advocate Times*, o jornal mais lido da cidade. Engraçado como Babbitt conseguiu escrever um discurso tão estupendo: “Uma noite, como a esposa estava fora e **ele não tinha a quem impressionar, Babbitt esqueceu as regras de estilo, da composição e outros mistérios**, e rabiscou simplesmente o que pensava sobre o negócio de propriedades imobiliárias e sobre si mesmo” (LEWIS, 2002, p. 161), (grifo nosso). Quando deu por si o discurso já estava pronto.

Logo nas primeiras páginas, Lewis nos dá pista sobre certo descontentamento de Babbitt com esse tipo de vida, quando este estava sonhando com uma fada, que o via mais do que simplesmente o George Babbitt, que o estava chamando para voar com ela e evadir-se da casa cheia de gente (sua mulher, seus amigos...), enfim, esquivar-se da realidade (LEWIS, 2002, p. 10). Aqui sim acredito que caberia a máxima de Freud (1996) a respeito do sonho, como uma realização disfarçada de um desejo reprimido.

Mais adiante que, mais claramente, Lewis nos mostra que Babbitt percebe que há algo errado, em sua conversa com Paul:

O que me lembra é isto: eu sou um sujeito mais ou menos bem-sucedido na vida e cumpridor dos meus deveres; sustento a minha família, tenho uma boa casa, um carro de seis cilindros, o meu negócio prospera, não tenho nenhum vício digno de menção, salvo o de fumar [...] frequento a igreja, jogo golfe o suficiente para me conservar em boa forma, e só tenho relações com gente boa e direita; pois apesar disso tudo não me sinto inteiramente satisfeito! (LEWIS, 2002, p. 66).

Mas, para Babbitt de vez “chutar o pau da barraca”, alguma coisa tem que dar muito errado. E tal coisa acontece, quando Paul tenta matar a própria mulher, o sufoco que era o casamento para as aparências, dava muito trabalho “esta brincadeira pesada a que chamam ‘vida honesta’” (LEWIS, 2002, p. 69). A crise, que é potencialmente inovadora (BICHUETTI, 2003), a prisão de Paul, uma das únicas pessoas que lhe davam consolo, fez Babbitt ficar sem chão e refletir muito sobre o seu atual modo de vida:

Tomava consciência de sua vida, com alguma tristeza. Não tendo diante de si nenhum Vergil Gunch a quem mostrar uma cara resoluta e otimista, esse gênero de existência parecia-lhe **incrivelmente maquinal** e quase chegava a confessá-lo a si mesmo. **Negócios maquinais**: ativa venda de casas mal construídas. **Religião maquinal**: uma igreja dura e seca, fechada à vida real das ruas, inumanamente digna, como um chapéu alto. Maquinais também o golfe, os jantares, o *bridge* e as palestras. Salvo a de Paul Riesling, **amizades maquinais**: palmadas nas costas e tom de pilhéria, sem nuca arriscar a prova do silêncio (LEWIS, 2002, p. 230), (grifo nosso).

Babbitt se pôs a se perguntar o que era o que ele realmente queria. Riqueza e posição social? Deu-se por vencido, com uma resolução de romper “de maneira sensacional e terrificante com tudo o que era decente e normal” (LEWIS, 2002, p. 266), romper com o que os outros consideravam ser decente e normal, “sentia-se empequenecido, mudo e um pouco ansioso, mas esse sentimento de insignificância era uma libertação: já não era o pomposo Sr. George F. Babbitt, de Zenith” (LEWIS, 2002, p. 289).

3.1. Numa linguagem gestáltica-terapêutica

Babbitt se cansou de se sentir como máquina, agora gostará de estar e interagir com pessoas que realmente se sente bem e não o que o externo lhe dirá o que é se sentir bem. O seu pré-conceito sobre Seneca Doane (advogado radical, dito socialista ou deformador dos bons costumes) era o que outros tinham formulado sobre ele, e não o Babbitt, singular, particular, ele-mesmo, que outrora fora hipnotizado quando aceitou palavras que substituíram o seu próprio experienciar (STEVENS, 1977).

Babbitt começou agora a exercer sua fronteira de ego, a qual, para Perls (STEVENS, 1977), tem uma função discriminatória do organismo, o simplesmente sentir-se bem ou mal com determinado estímulo sem indicações ou predisposições com noções do que “deverá”

sentir com tal estímulo, tirando o bom e o ruim da sua própria experiência e não da experiência das outras pessoas.

Como uma fuga, Babbitt faz uma viagem com a intenção de abandonar Zenith e a família, mas não demora muito e retorna, na volta no trem, conversa com Seneca Doane e descobre que ele não é tão mau assim, sente-se bem na sua presença e com a sua conversa. Começou a não condenar os grevistas, até os comparou como gente mais ou menos como ele e seus amigos, os quais o estranharam muito. Sua mulher temeu que o tomassem como um socialista.

Houve um reencontro com Tanis Judique, uma antiga cliente, com a qual se sentiu compreendido. Myra foi visitar a irmã doente e, durante aquela quinzena, Babbitt foi arrastado num fluxo de desejos e de novas amizades. Encontros diários com Tanis, reuniões do tipo *speakeasy* com ela e seus amigos, grupo denominado de a “Turma”, muita bebedeira e adultério.

Não quererá meu leitor pensar que estou passando a idéia de que, para se romper com a mecanização e uniformização da vida, devemos jogar tudo para o alto, “chutar o balde” e viver numa “porra-louquice” como Babbitt temporariamente fez. Mas só estou citando que apenas ele se experimentou para fazer o contrário do que consideravam ser decente e normal. Mais tarde, ele também percebeu que até Tanis estava lhe impondo o que se imaginava ser liberdade. A liberdade é conquistada, não imposta e obrigada a se usufruir, pois isso, a libertinagem, também é uma forma de prisão. No retorno de Myra, Babbitt terminou os encontros com Tanis.

De fato, Babbitt começa a ter uma vivência no mínimo mais sincera consigo mesmo até quando diz “não” pessoalmente a três das personalidades mais distintas de Zenith, o cirurgião Dr. Dilling, o contratador Charles Mackelvey e, o mais temível de todos, o coronel de barbas brancas Rutheford Snow, proprietário do *Advocate Times* (o mesmo jornal que publicou os discursos de Babbitt). Os três lhe intimidaram em seu próprio gabinete para que ingressasse na Liga dos Bons Cidadãos, composta somente por pessoas “direitas”, que “tem por fim suprimir a liberdade de palavra, a liberdade de pensamento e tudo o mais” (LEWIS, 2002, p. 357), palavras do próprio Babbitt, que já estava cansado que dissessem a ele o que havia de pensar ou de fazer (LEWIS, 2002, p. 359).

3.2. A volta do antigo Babbitt

A existência a partir do parecer (condicionada pela imagem que se quer produzir no outro) é o tipo de existência que Babbitt teve até a prisão de Paul, que em toda a sua vida nunca fez nada do que realmente desejava fazer, que simplesmente viveu como lhe permitiam, que de cem quilômetros que podia ter andado não avançou mais que meio centímetro (LEWIS, 2002, p. 382), depois teve uma existência a partir do ser só que, “às vezes ele precisa pagar caro pela vida a partir do Ser” (BUBER, 1982, p. 144), como aconteceu com Babbitt, que começou a perder funcionários, como sua secretária, a Srta. MacGoun, e Fritz Weilinger, o jovem vendedor, a perder acordos comerciais e a não ser mais chamado para os jantares e reuniões com os amigos (LEWIS, 2002, p. 360).

Novamente a crise, potencialmente proporcionadora de mudança, que desta vez veio na forma da doença de Myra pondo-a em risco de morte, a perspectiva em Babbitt da morte da mulher, faz Babbitt querer voltar ao seu tradicional modo de vida, de volta aos velhos amigos, às rodas sociais e vínculos comerciais, “jurando fidelidade à esposa... Zenith... aos negócios... a todos os princípios do clã dos Bons Rapazes” (LEWIS, 2002, p. 369), voltou a freqüentar a igreja e o Clube dos *Boosters* e ficou feliz em voltar a ser o antigo George Babbitt, à velha vida mecanizada de antes, a inserir o Tu no mundo e na linguagem do Isso.

Considerações finais

A Literatura, bem como todo tipo de arte em geral, nos serve não só para nos entreter, mas, também como outra forma de linguagem, não-teorizante, não conceituada, não tão “às claras” para mostrar sobre Psicologia, sobre Filosofia, sobre o vivido, sobre o humano e etc.

O texto literário, em sua alteridade, para o psicólogo, é uma fonte de subjetivação e de conhecimento do humano, sua contínua leitura é necessária ao psicólogo para uma formação mais completa e condizente com a complexidade do fenômeno humano (FREIRE, 2007).

Para mim, a partir de minha desleitura, serviu como outra forma de dizer e mostrar o Dialógico, desenhando a trajetória de Babbitt à luz do pensamento dialógico de Buber e da desleitura de Fonseca, correlacionando alguns trechos do romance com algumas ideias sobre a filosofia da relação.

Uma exemplificação da teoria, explicando-a pela arte, usando de Babbitt como uma forma de se aproximar do pensamento de Buber e de Fonseca, forma esta de aproximação não teorizante.

E, ao final, mostrar que, mesmo que Babbitt teve ocasionais fugas à norma e ao estereótipo, vemos o retorno à sua velha, monótona e enfadonha rotina (LOPES, 2003), a transformação do Tu em Isso, temos este fato não como negativo devido também a nossa necessidade de se viver no Eu-Isso.

Referências bibliográficas

- BEZERRA, Herlon Alves. *Gestalterapia: ensaio de superação ética de sua violenta condição de psicoterapia do Eu*. Dissertação (Graduação em Psicologia), 2002. Centro de Humanidades. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 52 p.
- BICHUETTI, Jorge. *A clínica da Invenção e a Reforma Psiquiátrica: cinco notas sobre a prática dos serviços substitutivos*. Artigo. 2003.
- BLOOM, Harold. *Cabala e Crítica*. Rio de Janeiro. Imago, 1991.
- BUBER, Martin. *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo. Perspectiva, 1982.
- _____, Martin. *Eu e Tu*. 10 ed. São Paulo. Centauro, 2006.
- FONSECA, Afonso Henrique Lisboa da. *Fatal Mesmo é Crer na Fatalidade*. Maceió, AL. Laboratório Experimental de Psicologia Fenomenológico Existencial, 1997. Disponível em <http://www.geocities.com/eksistencia/fatal.html>. Acesso em 05/02/2006.
- FREIRE, José Célio. Uma leitura da leitura através da Recherche de Proust. *Revista de Letras da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - CE*, v. 1/2, n. 21, p. 17-25, 2000.
- _____, José Célio. Criar para o tempo, tempo para o criar, para criar o tempo. *Estudos de Psicologia*, Natal - RN, v. 6, n. 1, p. 83-91, 2001.
- _____, José Célio Freire. LITERATURA E PSICOLOGIA: a alteridade d(n)os textos e a constituição subjetiva do psicólogo. *Projeto de Pesquisa*. Apoio PIBIC/CNPq e PIBIC/UFC. 2007.
- FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*. Vol. XX. Rio de Janeiro. Imago, 1996.
- GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofía*. São Paulo. Cia. das Letras, 2000.
- LEWIS, Sinclair. *Babbitt*. São Paulo. Nova Cultural, 2002.
- LOPES, Ana Maria Pereira. *Anos 20: maldição ou benção para Babbitt?* Millenium – Revista do ISPV. Nº 27, abril de 2003. Disponível em <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium27/12.htm>. Acesso em 15/05/2007.
- PROUST, Marcel; *Sobre a Leitura*; 2ª ed. São Paulo. Pontes, 1991.
- STEVENS, John (org.). *Isto é Gestalt*. São Paulo. Summus, 1977.
- VIDA e obra: Sinclair. São Paulo: Nova Cultural, jul. 2002. 16 p.

Recebido em março de 2012.

Aceito em abril de 2012.